



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DA “LITERATURA  
ESPÍRITA” NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940**

Ana Lorym Soares\*

O espiritismo é uma doutrina autointitulada científico-filosófico-religiosa que surgiu na França, em meados do século XIX, a partir do esforço compilador do pedagogo lionês Hippolyte Léon Denizard Rivail – mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec –, que após observar centenas de fenômenos supostamente espirituais e se comunicar com pessoas mortas através de médiuns, organizou em livros as bases da doutrina espírita. O espiritismo ou kardecismo<sup>1</sup> tem como lastro a crença na vida após a morte, na comunicação entre os vivos e os “mortos” e na reencarnação. Seu *corpus* doutrinário se encontra organizado em um conjunto de cinco livros, considerados suas obras básicas.<sup>2</sup> Por ser uma religião avessa à hierarquia sacerdotal, estimula o estudo dos textos como parte do esforço individual que se deve praticar a fim de alcançar o melhoramento espiritual, que para os kardecistas passaria por duas vias: pelo desenvolvimento da moral

\* Doutoranda – PPGHIS/UFRJ

<sup>1</sup> Cada vez mais o termo *kardecismo* ou *espiritismo kardecista* aparece como opção de substituição do termo *espiritismo* nos dias atuais, no Brasil. Provavelmente, essa escolha derive de uma tentativa de se diferenciar de outras religiões mediúnicas que se intitulam, também, espíritas.

<sup>2</sup> As obras básicas em ordem de publicação são: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).

e do intelecto. Desta forma, o contato com livros, seu estudo eventual e, principalmente, sistematizado, faz parte das práticas de iniciação espíritas.<sup>3</sup>

A introjeção da leitura e do estudo regular animou o surgimento de um número relevante de textos de gêneros e naturezas diversificados, desde a segunda metade do século XIX. Isso fez com que a literatura produzida no meio espírita fosse um dos elementos que mais caracterizassem a religião; bem como o que mais passou a chamar a atenção de pesquisadores que tomam o espiritismo por objeto de investigação e análise.<sup>4</sup>

A aproximação que se realiza neste trabalho em relação à “literatura espírita” deriva de interesse da minha pesquisa de doutorado, que objetiva compreender o funcionamento da psicografia como prática letrada por meio das edições espíritas em meados do século XX, através da coleção *A vida no mundo espiritual*.<sup>5</sup> Neste período a literatura espírita parece ter passado por uma inflexão, consolidando uma modalidade literária e um nicho editorial expressivo; ao mesmo tempo em que parece ter agido de forma particular sobre as questões doutrinárias da religião no Brasil. Para este artigo, limito-me a analisar como essas questões estavam postas nos anos imediatamente anteriores aos de circulação da referida coleção. Desta maneira, a questão que move o texto é: qual o lugar da literatura de matriz psicográfica e das edições espíritas nas décadas de 1930 e 1940, no Brasil?

Para refletir sobre essa questão e seus desdobramentos, busca-se, nos limites deste trabalho, recompor os caminhos da produção editorial, da difusão e da recepção da literatura espírita no Brasil nas primeiras décadas de século XX. A ideia é examinar a psicografia como mecanismo de produção textual que põe em movimento um enorme volume de textos; mapear a trajetória de circulação e de recepção das obras em questão, através da documentação a qual se teve acesso até o momento, a saber: a bibliografia espírita, jornais de época (espíritas e não espíritas), dados editoriais e correspondência.

<sup>3</sup> Cf. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

<sup>4</sup> É possível perceber essa opção nos trabalhos de Aubrée e Laplantine (2009), Cavalcanti (2008), Lewgoy (2000), Rocha (2001 e 2008).

<sup>5</sup> O projeto de pesquisa intitulado “O livro como missão: a psicografia como prática letrada, a partir da coleção *A vida no mundo espiritual* (1944-1968)” vindo sendo desenvolvido, desde 2012, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGHIS/UFRJ, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Daher.

## A PSICOGRAFIA E A PRODUÇÃO TEXTUAL ESPÍRITA

Ao se abordar a produção de livros espíritas remete-se, normalmente, à prática da psicografia – mesmo que nem todo livro espírita tenha sua gênese atrelada a dispositivos mediúnicos. No caso específico das obras de Chico Xavier a psicografia aparece como veículo que levou o médium e suas publicações à ordem do dia nos debates na imprensa periódica no segundo quartel do século XX. Mas o que seria a psicografia? Como os espíritas a compreendem e a mobilizam no âmbito da produção textual?

Segundo definição corrente em importante dicionário de língua portuguesa, a psicografia seria o “ato ou efeito de escrever algo que teria sido ditado ou sugerido por um espírito desencarnado”.<sup>6</sup> No contexto espírita essa prática se encontra revestida de valor capital, pois atuaria como veículo principal de conexão entre os planos espirituais – de onde espíritos superiores ditariam mensagens orientadoras aos médiuns – e a Terra. O próprio compilador da doutrina espírita, Allan Kardec, explicita a primazia do meio escrito de transmissão, ao asseverar que “De todas as formas de comunicação, a escrita manual é a mais simples, mais cômoda, e sobretudo a mais completa. [...] ela permite estabelecer relações permanentes e regulares com os Espíritos.”<sup>7</sup>

Segundo se crê no espiritismo, foi esse o meio de comunicação que fez com que Xavier trouxesse a lume o livro que o lançaria no universo das letras no Brasil dos anos 30, processo que ele mesmo se encarregou de narrar aos leitores:

Em agosto, porém, do corrente ano [1932], apesar de muito a contragosto de minha parte, porque jamais nutri a pretensão de entrar em contato com essas entidades elevadas, por conhecer as minhas imperfeições, comecei a receber a série de poesias que aqui vão publicadas, assinadas por nomes respeitáveis.

Serão (as poesias) das personalidades que as assinam? – é o que não posso afiançar. O que posso afirmar categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti ao escrevê-las era a de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, do qual eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo

<sup>6</sup> HOUAISS, Antônio; VILLA, Marco de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1571.

<sup>7</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. São Paulo: LAKE, 1981, p. 194.

com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. [...]»<sup>8</sup>

A explicação que acabamos de ler estampou os pré-textuais da primeira edição do *Parnaso de além-túmulo* e diz respeito ao processo criativo do primeiro livro que Chico Xavier publicou.<sup>9</sup> A obra que apareceu em julho de 1932, por intermédio da Editora da FEB é uma antologia poética composta por 60 poemas atribuídos a 14 poetas, brasileiros e portugueses; quase todos de reconhecida fama nos contextos literários dos seus respectivos países.<sup>10</sup> Entre esses escritores se encontram, por exemplo, Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu e Castro Alves, do Brasil e Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Júlio Diniz, de Portugal.

A chegada dessa insólita obra nas livrarias provavelmente causou estranhamento em parte significativa do público, afinal, as obras espíritas não eram vendidas exclusivamente em espaços propriamente religiosos, visto que poderiam ser encontradas em livrarias “profanas” do Rio de Janeiro, desde o século XIX<sup>11</sup> – como é o caso da Garnier, que expôs livros desse gênero em seu catálogo até 1934, quando fechou as portas de sua filial no Brasil.<sup>12</sup> O provável estranhamento foi seguido por intenso rumor observado nas páginas da imprensa periódica da época, aguçado a cada vez que se lançava nova edição de *Parnaso*.

Em 1937, quando já se preparava uma terceira edição da antologia mediúnica, a Editora da FEB lançou no mercado das publicações mais um livro que atrairia as atenções não só de seu público específico, mas da imprensa e de parte da intelectualidade da época, rendendo muito assunto que se estenderia até a década seguinte. O livro em questão é *Crônicas de além-túmulo*, também psicografado por Chico Xavier e imputado ao espírito do escritor maranhense Humberto de Campos, falecido há três anos. A publicação desta

<sup>8</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Palavras minhas. In: *Parnaso de além-túmulo* (poesias mediúnicas). 19. ed. – 2ª reimpressão – Rio de Janeiro: FEB, 2010, p.34.

<sup>9</sup> Antes disso o jovem médium só tinha publicado raras “poesias mediúnicas” em páginas pouco conhecidas de jornais espíritas. Cf. XAVIER, Francisco Cândido. Palavras minhas. In: *Parnaso de além-túmulo* (poesias mediúnicas). 19. ed. – 2ª reimpressão – Rio de Janeiro: FEB, 2010, p. 33.

<sup>10</sup> Até 1955 *Parnaso* teve 6 edições, nas quais, sucessivamente eram incorporadas composições e poetas, até chegar aos números de 259 poesias atribuídas a 56 autores. Cf.: ROCHA, Alexandre Caroli. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2001, p. 15.

<sup>11</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor; EDUSP, 198, p. 146.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 194.

obra deu origem a um conjunto de livros conhecido no meio espírita como série Humberto de Campos.<sup>13</sup>

A suposta comunicação entre o escritor e o médium teria se iniciado a partir de uma espécie de sonho que Xavier dissera ter tido com o autor de *À sombra das tamareiras*, em fevereiro de 1935; conforme se pode inferir da carta que enviara a Manuel Quintão, presidente da FEB, em 30 de março de 1935, em que registra o seguinte:

Não sei se o amigo recebeu a minha carta, mas mesmo sem saber se o estou aborrecendo, envio-lhe outra, acompanhada de duas produções mediúnicas recebidas por mim esta semana. Peço-lhe a sua opinião muito franca sobre elas, desejando que me escreva em breves dias. Há mais de um mês tive um sonho engraçado. Sonhei que uma pessoa me apresentou Humberto de Campos, num lugar de céu muito azul e brilhante e no chão havia uma espécie de vegetação que não me deixava ver a terra. Não vi casa alguma. O que me impressionou mais é que as pessoas que eu via estavam sob uma árvore muito grande e tão branca que, quando o sol batia nas suas frondes de folhas muito delgadas, parecia uma grande árvore de cristal. Ele veio então ao meu lado e me estendeu a mão com bondade, dizendo: “Você é o menino do Parnaso?” Disse-me mais coisas das quais não me posso recordar. Que diz o amigo de tudo isso? Seria a minha imaginação? Não sei. Em todo o caso, mando estas páginas para o senhor ler.<sup>14</sup>

Na carta Chico Xavier narra ao seu editor, Manuel Quintão, a possível gênese da parceria mediúnica entre ele e Humberto de Campos; parceria da qual já se tiravam “frutos” poucos meses após o falecimento do escritor, em dezembro de 1934. Xavier aproveitou o ensejo da missiva para enviar mais um suposto texto de Campos, que seria apreciado por Quintão, que se encarregaria de fazer os devidos ajustes e encaminhá-lo para publicação. Com efeito, foi o que parece ter ocorrido, visto que as produções citadas coincidem em data com as primeiras crônicas psicografadas atribuídas a Campos, quais sejam: *A palavra dos mortos* e *De um casarão do outro mundo*, datadas de 27 de março de 1935, e *Cartas aos que ficam*, de 28 de março do mesmo ano, todas publicadas no livro *Crônicas de além-túmulo*.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Seguem os títulos dos livros componentes da série que foram entre os anos 30 e 40: *Crônicas de além-túmulo*, de 1937; *Brasil coração do mundo, pátria do Evangelho*, de 1938; *Novas mensagens*, de 1940; *Boa nova*, de 1941; *Reportagens de além-túmulo*, de 1943; *Lázaro redivivo*, de 1945; *Luz acima*, de 1948.

<sup>14</sup> Xavier Apud BARBOSA, Elias. *No mundo de Chico Xavier*. Araras: IDE, 1997, p. 39.

<sup>15</sup> Cf. XAVIER, Chico [Humberto de Campos]. *Crônicas de além-túmulo*. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1935.

O fato é que a presumida psicografia do jovem Chico Xavier, a partir de 1932 passou a originar volumes crescentes de textos que abrangem os mais variados gêneros e temáticas e que, sobretudo por mobilizar nomes de grande destaque da literatura extrapolam os limites do âmbito religioso e passam a interessar a uma quantidade também crescente de pessoas, não necessariamente espíritas. Foi nesse ínterim que, com mais força do que antes, a produção textual espírita, supostamente originada da psicografia, ganhou relevo e passou a fazer parte da vida cultural e editorial brasileira e tem nas publicações do médium Chico Xavier o seu exemplo maior.

Os dados editoriais evidenciam essa situação, pois se levarmos em consideração os números referentes ao *Parnaso de além-túmulo* durante as décadas de 1930 e 1940, poderemos afirmar que as edições em questão estavam *pari passu* com a produção editorial brasileira da época.

#### DADOS EDITORIAIS DE *PARNASO DE ALÉM-TÚLULO*<sup>16</sup>

EDIÇÃO	ANO	TIRAGEM	FORMATO	VALOR POR EXEMPLAR*
1ª	1932	2.000	12,5x18,5cm	-
2ª	1935	5.000	13x18cm	Rs 6\$000 / Rs 8\$000**
3ª	1939	3.000	13x18cm	Rs 7\$000 / Rs 9\$000***
4ª	1944	6.000	13x18cm	Cr\$ 20,00 / Cr\$ 25,00****
5ª	1945	6.000	13x18cm	Cr\$ 20,00 / Cr\$ 26,00*****

\*Valores referentes, respectivamente, às edições em brochura e encadernada à disposição do consumidor.

\*\*Valores relativos ao ano de 1938.

\*\*\* Valores relativos ao ano de 1939.

\*\*\*\* Valores relativos ao ano de 1945.

\*\*\*\*\* Valores relativos ao ano de 1946.

No clássico *O livro no Brasil*, o bibliotecário inglês Laurence Hallewell, ao analisar a produção editorial de José Olympio e seus contemporâneos, durante os anos

<sup>16</sup> A tabela foi compilada a partir de dados de diferentes fontes, a saber: SOUZA, Clara Betania de. *Parnaso de além-túmulo*. In: *Documentos Patrimoniais do Livro*. Rio de Janeiro: FEB, 2013 (material de circulação restrita); QUINTÃO, Manuel. *Parnaso de além-túmulo* (Bibliografia). In: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O Reformador*. Rio de Janeiro, dez. de 1938, p. 398-399; FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Catálogo da Livraria e Editora da FEB*. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1938, 1939, 1944, 1945, 1946 e 1949.

30, compilou dados das publicações do escritor José Lins do Rego, que nesse período, conseguiu a proeza de viver dos ganhos gerados pelas suas obras literárias.<sup>17</sup> Rego teve seu primeiro romance, *Menino de engenho*, publicado em 1932 pela Editora Andersen, com tiragem de 2 mil exemplares – o que mantinha o padrão seguido naquele momento para novos autores que era entre 1 e 2 mil exemplares. Em 1933 a Editora Ariel lançou seu segundo romance, *Doidinho*, com tiragem similar e custo para o leitor de Rs 6\$000 por exemplar.<sup>18</sup>

No ano seguinte, o editor e livreiro José Olympio, numa empreitada incomum no universo das edições brasileiras naquele momento – em termos de tiragem – publicou uma nova edição de *Menino de engenho* e lançou *Banguê*, com tiragens de 5 e 10 mil exemplares, ambas disponíveis ao consumidor pelo valor de Rs 7\$000 por exemplar. Entre 1935 e 1937 José Olympio lançou ainda *Moleque Ricardo* e *Usina*, com 3 mil e 5 mil exemplares respectivamente e reeditou *Doidinho*, com 4 mil. Em 1938 publicou *Pedra bonita* que saiu com preço de Rs 10\$000 e em 1943, *Fogo morto*, que custava ao consumidor o preço inflacionado de Cr\$ 15, em decorrência da desvalorização cambial da moeda brasileira gerada pela Segunda Guerra Mundial.<sup>19</sup>

Como podemos verificar a partir dos dados expostos tanto em relação ao *Parnaso de além-túmulo*, como ao que se refere às obras de José Lins do Rego – que como já se registrou era naquele momento o escritor que detinha os números mais expressivos em termos de volumes e exemplares editados, assim como com lucros advindos dos direitos autorais – não há diferenças expressivas entre os números de tiragens alcançados pelo livro inaugural de Chico Xavier e os livros de José Lins do Rego, se tomados individualmente. As edições de *Parnaso* apresentaram tiragens que variaram entre 2 e 6 mil exemplares, entre 1932 e 1945; ao passo que as tiragens de *Menino de engenho*, por exemplo, variaram entre 2 e 5 mil, no período analisado. O leitor que quisesse adquirir *Pedra bonita*, em 1938, desembolsaria dez mil-réis; já o que quisesse ler o *Parnaso de além-túmulo*, entre os anos 1938 e 1939, gastaria uma média de sete mil-réis e meio; valor este que aumentou sensivelmente nos anos seguintes, chegando a vinte

<sup>17</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*, op. cit., p. 355.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 353.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 354-5.

e seis cruzeiros em 1945,<sup>20</sup> bem acima dos quinze cruzeiros necessários para comprar *Fogo morto*, em 1943.

O cruzamento desses dados nos leva a considerar a produção de livros espíritas como um fenômeno bastante expressivo no contexto das edições no Brasil, sobretudo se tivermos em mente que se tratavam de livros supostamente psicografados e pertencentes a um segmento religioso que durante quase toda a primeira metade do século XX esteve às voltas com a justiça, tendo sua existência legal questionada em mais de uma ocasião.<sup>21</sup> Na Constituição de 1937, por exemplo, o espiritismo, assim como o comunismo, o liberalismo e o protestantismo, era considerado uma das forças dissolventes do princípio da unidade expresso na trilogia integralista Deus, Pátria e Família.<sup>22</sup>

Diante de tão eloquente cenário cabe-nos ainda dimensionar qual o alcance que tiveram as obras espíritas naquele momento, quem as liam e como as recepcionavam.

### **CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DA “LITERATURA ESPÍRITA” NO BRASIL**

Tanto *Parnaso de além-túmulo*, quanto os livros atribuídos ao espírito do escritor Humberto de Campos e os demais que foram editados pela FEB tinham sua difusão garantida pela rede de livrarias e centros espíritas ligados à Federação Espírita, pelas livrarias comerciais parceiras – tal qual a já mencionada Garnier, no Rio de Janeiro –, bem como através do serviço de remessas postais oferecido pelos Correios. Neste último caso ao interessado bastava seguir as instruções expressas nos Catálogos da Editora da FEB, que eram frequentemente enviados para o endereço dos leitores cadastrados. Desta forma, leitores de todo o Brasil poderiam ter acesso a livros espíritas.<sup>23</sup>

Precisar quem eram os leitores desses livros é tarefa extremamente difícil, devido a existência exígua de registros documentais, mesmo assim, é possível inferir, até certo ponto, algumas características gerais sobre eles. Para isso opiniões assinaladas na

<sup>20</sup> No ano de 1942 a moeda brasileira deixou de ser o Mil-Réis (Rs) para ser o Cruzeiro (Cr\$). Cf. Decreto Lei nº 4791, de 05/10/1942. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=3577>. Acesso em: 11 set. 2014.

<sup>21</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

<sup>22</sup> REIMER, Haroldo. *Liberdade religiosa na História das Constituições do Brasil*. São Leopoldo-RS: Oikos, 2013, p. 63.

<sup>23</sup> Cf. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Catálogo da Livraria e Editora da FEB* (1938, 1939, 1944, 1945, 1946, 1949).



imprensa como a do crítico Raimundo Magalhães Filho são muito importantes. Para o jornal carioca *A noite*, em maio de 1944, ele escreveu o seguinte:

A imprensa tem agitado, frequentemente, a palpitante questão da literatura psicografada. Embora os livros editados pela Federação Espírita Brasileira sejam desdenhados pelos críticos oficiais, não merecendo sequer uma breve referência do Sr. Tristão de Ataíde ou do Sr. Álvaro Lins, a verdade é que esses livros têm público numeroso. E deles se tiram edições sucessivas, que talvez não cheguem a alcançar alguns dos editados por José Olímpio, embora este livreiro seja um dos campeões dos best-sellers nacionais. Não os lêem os literatos, nem os eruditos, mas o povo os devora. Mesmo pessoas que se dizem católicas – e quantas conheço nesse rol? – consomem essa literatura espírita. Os livros atribuídos a Humberto de Campos têm sido um verdadeiro sucesso de livraria, vendendo-se hoje por todo o Brasil. Os poemas assinados por poetas do Além e ditados ao médium Chico Xavier, encontram público tão grande quanto as “Espumas flutuantes”, de Castro Alves, ou os “Cantos do Exílio”, de Gonçalves Dias. Ou maior, talvez.<sup>24</sup>

A apreciação que o crítico faz do volume das edições coincide com a notícia do jornal da Federação Espírita de São Paulo, que em matéria intitulada *Livros espíritas, os best-sellers do Brasil*, afirma que durante os anos 1940 “Livros como os de Humberto de Campos [morto] vendem mais do que os publicados em vida e mais do que Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Érico Veríssimo, por exemplo.”<sup>25</sup> O que se afirma em ambas as matérias sobre a quantidade das edições e o consumo das obras psicografadas pode ser tido como aceitável, da mesma maneira que as informações sobre a identidade dos leitores desses textos. O articulista espírita não chegou a arriscar palpite a respeito de quem seriam os leitores dos “best-sellers espíritas”, mas R. de Magalhães Jr. sim. Ele apostou na preponderância do consumo popular, ao afirmar que os literatos e eruditos não liam a literatura psicografada, mas o povo a devorava; e concluiu afirmando que não eram apenas espíritas, mas também pessoas que se diziam católicas que liam esses textos.

De modo geral devemos matizar a declaração de Magalhães Jr. visto se tratar apenas de opinião, não havendo assim, em seu comentário um controle de dados sistematizados que embasasse tal alegação.<sup>26</sup> Mas principalmente deve-se relativizar a sua afirmação sobre o fato de literatos e eruditos não lerem esses livros. O próprio Tristão

<sup>24</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, R. Apud TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*, op. cit., p. 84.

<sup>25</sup> Vinícius de Carvalho. Os livros espíritas, os best-sellers do Brasil. In: FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE SÃO PAULO. *O Semeador*, São Paulo, outubro de 1953, p. 15.

<sup>26</sup> Reconhece-se, no entanto, que essa não é exatamente a função de cronistas e comentadores de literatura.

de Athayde (Alceu Amoroso Lima) que ele cita como exemplo de literato que não se ocupava com os “produtos literários” da psicografia, chegará a dar parecer sobre eles no jornal *O Globo*, em 07 de agosto de 1944 – embora seja provável que ele tenha fornecido opinião ao jornal sem ter lido os textos em questão.<sup>27</sup> Já Humberto de Campos, que assim como Amoroso Lima era membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), tão logo fora publicada a primeira edição de *Parnaso de além-túmulo*, escreveu uma crônica para o *Diário Carioca*, em que se remeteu ao texto da seguinte forma:

(...) Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela penna do sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é interprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocupavam em vida. O gosto é o mesmo. E o verso obedece, ordinariamente á mesma pauta musical. Frouxo e ingenuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, funebre e grave em Anthero, philosophico e profundo em Augusto dos Anjos, – sente-se ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para cantar neste instante, a inclinação do sr. Francisco Candido Xavier para escrever “A la maniére de...”. ou para traduzir o que aquelles altos espiritos sopraram ao seu.  
(...)<sup>28</sup>

E conclui sua crônica em tom de pilhéria, ao se referir à concorrência que os espíritos fariam aos escritores vivos.

Por enquanto eu quero, apenas, pôr de sobreaviso os poetas vivos contra o perigo que a todos nos ameaça com a idéia que tiveram os mortos de voltar a escrever neste mundo em boa hora abandonado por elles. Se elles voltam a nos fazer concerrencias com os seus versos perante o publico e, sobretudo, perante os editores, dispensando-lhes o pagamento de direitos autoraes que destino terão os vivos que lutam hoje, com tantas e tão poderosas dificuldades?

Quebre pois cada espirito a sua lyra na taboa do caixão em que deixou o corpo. Ou, então, encarne-se outra vez, e venha fazer a concorrência aqui em cima da terra, com o feijão e o arroz pela hora da vida. Do contrario, não vale.<sup>29</sup>

Dois dias depois Humberto de Campos voltou a se ocupar da obra inaugural de Xavier, desta vez, analisando os versos contidos nela, comparando com as composições

<sup>27</sup> ATHAYDE, Tristão de. Os críticos não aceitam a obra como do espirito de Humberto de Campos. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 de agosto de 1944, p. 1-7.

<sup>28</sup> CAMPOS, Humberto de. Poetas do outro mundo. In: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1932.

<sup>29</sup> *Ibid.*

dos escritores em vida. Sem ser conclusivo, apenas reconhece a necessidade de análise mais aprofundada por parte dos estudiosos que poderiam, na sua opinião, atestar o que realmente há de sobrenatural ou de mistificação no fenômeno que supostamente trazia a lume composições de literatos falecidos.<sup>30</sup>

Em decorrência do lançamento da terceira edição da antologia mediúnica, em 1939, também o crítico literário Agripino Grieco forneceu sua opinião sobre o caso *Parnaso de Além-Túmulo* em entrevista concedida ao jornal *Diário da Tarde*, de 31 de julho daquele ano. Após acompanhar uma sessão de psicografia em que Chico Xavier escrevera alguns textos hipoteticamente assinados por Augusto dos Anjos e o já falecido Humberto de Campos, Grieco registrou seu espanto, ao constatar que “(...) o médium Francisco Xavier escreveu isto do meu lado, celeremente, em papel rubricado por mim.”<sup>31</sup> Conhecido pela pena ácida, Grieco, entretanto, reservara-se de emitir juízos em relação ao que observara em Pedro Leopoldo, mantendo-se respeitoso ao fato, registrou apenas que:

(...) o que é certo é que, como crítico literário, não pude deixar de impressionar-me com o que realmente existe do pensamento e da forma daqueles dois autores patricios, nos versos de um, e na prosa de outro. Tendo lido as paródias de Albert Sorel, Paul Reboux e Charles Muller, julgo ser difícil (isso o digo com a maior lealdade) levar tão longe a técnica do pastiche. De qualquer modo, o assunto exige estudos mais detalhados, a que não posso dar agora, nesta visita um tanto apressada à formosa terra de Minas.<sup>32</sup>

Viagens como essa que Agripino Grieco fizera ao interior de Minas Gerais para verificar *in loco* a gênese textual das poesias teoricamente enviadas por espíritos como Antero de Quental e Castro Alves a Chico Xavier foi realizada por muitas outras pessoas curiosas e desejosas de investigar o estranho fenômeno que ganhara as páginas dos noticiários em todo o país. O jornal *O Globo*, a partir de 1935, passou a publicar quase diariamente matérias sobre esse assunto na seção *Mensagens dos Espíritos*. Além das ditas mensagens espirituais o jornal registrava o movimento das caravanas de juízes,

<sup>30</sup> CAMPOS, Humberto de. Como cantam os mortos... In: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1932, p. 1.

<sup>31</sup> GRIECO, Agripino Apud TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*, Op. cit., p. 64.

<sup>32</sup> Ibid., p. 65.

professores, literatos, jornalistas entre outros, que assistiam às sessões mediúnicas protagonizadas pelo jovem mineiro.<sup>33</sup>

A ocorrência de um fato novo no contexto das edições psicografadas atrairia ainda mais o olhar de homens de letras e curiosos em geral para as obras de Chico Xavier: o processo encetado pela viúva de Humberto de Campos que reclamava judicialmente a confirmação da autoria dos textos os quais Xavier imputava ao se falecido esposo e que eram editados pela casa editora da FEB. Iniciava-se, então, no ano de 1944, o que a imprensa da época denominou de “O sensacional caso das obras de Humberto de Campos”.<sup>34</sup>

Catarina Vergolino de Campos, através do seu advogado, acionou a justiça por meio de uma “ação declaratória” contra a FEB e Chico Xavier, onde suplicava que se declarasse:

(...) por sentença, se essa obra literária é ou não do “espírito” de Humberto de Campos.

No caso negativo, se – além da apreensão dos exemplares em circulação – estão os responsáveis pela sua publicação:

- a) – passíveis de sanção penal prevista em os artigos 185 e 196, do respectivo Código.
- b) – proibidos de usar o nome Humberto de Campos, em qualquer publicação literária.
- c) – sujeitos ao pagamento de perdas e danos, nos termos da Lei Civil.<sup>35</sup>

Já na possibilidade da justiça julgar o fenômeno afirmativamente, isto é, aceitar que a autoria é realmente do escritor famoso e já morto, dever-se-ia declarar ainda se os direitos autorais pertenciam à família do morto ou ao “mundo espírita”, representado por Xavier e pela FEB. Além disso, a autora do processo exigia que se realizassem exames grafológicos e estilísticos e demonstrações mediúnicas a fim de atestar a veracidade ou falsidade dos fenômenos que teoricamente davam origem aos textos atribuídos ao Humberto de Campos.<sup>36</sup> Como se poderia imaginar, devido ao teor das exigências, o

<sup>33</sup> ALENCAR, Clementino de. Homens de Ciência e curiosos em grande romaria a Pedro Leopoldo (Mensagens de Além-Túmulo). In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1935, p. 1-3.

<sup>34</sup> O sensacional caso das obras Humberto de Campos. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1944, p. 1.

<sup>35</sup> TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*, *Op. cit.*, p. 12.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 14.

processo não rendeu vitória à suplicante, tampouco danos efetivos aos acusados, para além da proibição do uso do nome do escritor famoso. O caso foi encerrado por ser considerado inviável do ponto de vista legal, pois não caberia ao judiciário atestar se as práticas religiosas de qualquer confissão são ou não verdadeiras; assim como seria impossível à lei garantir direitos a composições que teoricamente teriam sido produzidas após a morte do escritor.

Durante o desenrolar do processo surgiu uma massa enorme de notícias motivadas pela excentricidade do caso. Nomes como Edmundo Lys, Zéfiro Brasil, Mário Donato, além de Grieco e R. Magalhaes Jr., foram alguns dos que se ocuparam dessa questão, acompanhados por jornalistas de toda parte do país, por representantes de outros segmentos religiosos e por juristas que viam na singularidade do caso motivo para debater questões de direito autoral.<sup>37</sup>

Após visualizar tamanho alvoroço em torno das obras psicografadas, podemos ter uma noção da circulação e da recepção que elas tiveram no Brasil durante as décadas de 1930 e 1940. Se o interesse por esses textos não se deu exatamente por seu intrínseco valor literário, podemos considerar ao menos que ocorreu pela novidade que aquele tipo de produção representava no cenário literário e editorial nacional. De todo modo não se pode deixar de notar que esses textos foram fartamente produzidos e consumidos em velocidade compatível com grandes nomes da literatura brasileira da época – como já expomos em comparação com José Lins do Rego, um dos maiores representantes dos romancistas do Norte que caíam no gosto do público brasileiro.

A significativa circulação das obras teoricamente psicografadas possibilitou que fossem discutidas, de forma sistemática ou não, em tom de pilhéria ou não, questões estruturantes das práticas literárias da modernidade e que ainda rendem sérias e controversas considerações: autoria, originalidade, pastiche e *copyright*. Temas que poderiam ser expressos por meio das seguintes indagações: a psicografia pode ser considerada como espaço de gênese literária? Como estabelecer os direitos de propriedade em obras dessa natureza? O que, para além da autoria presumida, de direitos de propriedade e de uma originalidade de invenção, de organização narrativa e de estilo, deve ser considerado na atribuição do *status* literário a uma obra?

<sup>37</sup> Cf. ROCHA, Alexandre Caroli. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. (Doutorado em Teoria Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

Obviamente não se pretende neste artigo esgotar tais problemas, mas apenas pontuá-los brevemente como forma de retomar o debate e refletir sobre as maneiras pelas quais se impõe o estabelecimento de critérios históricos, materiais ou simbólicos, que corroboram a construção do cânone e a organização do campo literário. Acreditamos que o exame aprofundado dos temas suscitados pela circulação e consumo da “literatura psicográfica” na primeira metade do século XX, no Brasil, podem ser um caminho para o enfrentamento das questões relativas a nossa forma de lidar historicamente com obras literárias.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir é importante retomar a proposta inicial de identificar o lugar destinado à literatura de matriz psicográfica e às edições espíritas nas décadas de 1930 e 1940, no Brasil.

Como foi possível expor, em termos editoriais a produção espírita pode ser considerada como um fenômeno de significativa relevância dentro do referido contexto brasileiro. Seus números são muito expressivos não só da dinâmica interna de produção de livros no espiritismo, mas podem ser lidos como parte de um quadro maior de fortalecimento da atividade livreira no país. As duas décadas em foco são um marco do crescimento editorial e gráfico, especialmente nos anos 30, quando se percebe o aumento do número de livros produzidos no país em relação aos importados. Em face dos problemas econômicos decorrentes da depressão mundial, o mil-réis teve seu poder aquisitivo externo quase anulado, o que impossibilitava em larga medida a importação de livros da França e de Portugal, como era comum até aquele momento.

A substituição de importações no setor livreiro somou-se a outros elementos que juntos atuaram como contingência para o crescimento fenomenal das edições de livros. Entre eles, como aponta Hallewell, os desdobramentos estéticos do modernismo e os aspectos ideológicos trazidos à tona pela Revolução de 30, fomentando o gosto por temas nacionais e por autores que faziam da literatura *locus* de debate político.<sup>38</sup>

Estudar a produção editorial espírita nesse período é uma forma de atentar às especificidades do campo editorial brasileiro, notando que seu crescimento evidente se

<sup>38</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*, Op. cit., p. 336-337.

deu não apenas nos nichos tradicionais de livros didáticos e de literatura (na sua acepção comum), mas abrangeu também o território do religioso. E mais ainda, de uma religião que tinha sua legitimidade questionada por boa parte da sociedade – institucionalizada ou não. Portanto, ao abordar o *boom* do universo editorial brasileiro no segundo quartel do século XX, a participação das edições espíritas não deve passar em brancas nuvens.

Contudo, ao se tratar do campo literário, o papel que esses livros tiveram deve ser visto com mais cautela. Com a publicação de *Parnaso de além-túmulo*, *Crônicas de além-túmulo* e dos demais livros atribuídos à autoria de Humberto de Campos, os espíritas acreditavam que finalmente seriam comprovadas a sobrevivência do espírito após a morte e a eficácia da psicografia como mecanismo de comunicação entre os vivos e os “mortos”. Imaginavam que todos poderiam constatar que escritores falecidos continuavam a escrever, mantendo as características estilísticas que os singularizaram em vida e cuja transmissão se efetivava, de forma segura, pela mediunidade de Chico Xavier – jovem de família pobre, quase analfabeto e natural de pequena cidade do interior do país. É o que nos deixa perceber Ismael Braga, espírita e um dos mais frequentes comentadores das obras psicografadas.

Ao Brasil coube a responsabilidade tremenda de receber a obra que não comporta aquela dúvida, a obra que traz a evidência em si mesma, sem depender de relatos, nem de testemunhos, por isso fora inteiramente do alcance da fraude humana, de um ou mesmo de mil impostores dos mais talentosos.

Refiro-me a obra mediúnica “Parnaso de Além-Túmulo”, recebida por Francisco Cândido Xavier em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Ali, todos os grandes poetas do Brasil e de Portugal, ressurgem com seu estilo inconfundível, tratando dos seus temas favoritos, com seu caráter conhecido. Onde um grupo de impostores, formassem eles mesmo uma Academia inteira, [seria] capaz de reproduzir tal maravilha?<sup>39</sup>

A esperada corroboração por parte dos literatos não veio. Como vimos anteriormente, boa parte daqueles que se detiveram na análise das obras psicografadas preferiram não arriscar vereditos. Outros, como o escritor e líder católico Alceu Amoroso Lima, foram mais enfáticos ao classificar as obras como resultado de “hábil pastiche”.<sup>40</sup> Porém, a maioria dos literatos optou pelo silêncio, como o fizera a própria ABL, que

<sup>39</sup> BRAGA, Ismael Gomes. Obra mediúnica assombrosa. In: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O Reformador*, Rio de Janeiro, junho de 1938, p. 182-3.

<sup>40</sup> “Os críticos não aceitam a obra como do espírito de Humberto de Campos”. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 de agosto de 1944, p. 7.

enquanto instituição, não emitiu nenhuma opinião a respeito da suposta “literatura psicografada”.<sup>41</sup> Muito embora houvesse certa expectativa em sentido contrário, visto que muitos dos escritores psicografados pertenceram aos quadros da entidade.

A enigmática gênese e a vinculação religiosa dos textos em questão dificilmente atrairia a maior parte dos intelectuais brasileiros daquele momento. Contudo, a excentricidade da atribuição de autoria a grandes e conhecidos nomes da literatura somada à mobilização de questões pertinentes ao universo literário de modo geral, possibilitou a “literatura” de matriz psicográfica insurgir como registro na história das práticas letradas do período em foco; mesmo considerada, pelo seu contemporâneo Nilo Sampaio, mero episódio a figurar tão somente no “anedotário jornalístico”.<sup>42</sup> Mas como tem evidenciado a historiografia sobre os leitores da França do século XVIII, e do Brasil Império, nem só de tratados filosóficos e textos canônicos vivia o leitor.<sup>43</sup>

Assim, podemos assinalar – guardando as devidas proporções históricas e culturais –, que é também dentro de vasto campo de possibilidades de leituras que a produção textual espírita ganha expressão real no horizonte de expectativas dos leitores brasileiros. O que poderá ser acompanhado pela observação dos números sempre crescentes de títulos, de gêneros e de consumidores dessa literatura ainda hoje no nosso país.<sup>44</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Anais de 1947. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 46, vol. 74, jul./dez., 1947.

<sup>41</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Anais de 1947. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 46, vol. 74, jul./dez., 1947.

<sup>42</sup> SAMPAIO, Nilo A. Depoimento (Seção Livros do dia). In: *A manhã*, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1944, p. 6.

<sup>43</sup> Como exemplo citamos: Darnton, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das letras, 1998; e EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. Aníbal Bragança e Márcia Abreu (Orgs.). São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 89-99.

<sup>44</sup> Segundo dados coletados em 2008, os livros da série Humberto de Campos tiveram uma recepção vigorosa: *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, vendeu 294 mil exemplares; *Boa nova*, 251 mil exemplares; *Crônicas de além-túmulo*, 100 mil exemplares. A soma das tiragens de todos os livros da série ultrapassa 1,3 milhão de exemplares, cifra que supera, muito provavelmente, os livros vendidos pelo escritor Humberto de Campos em vida. Cf. ROCHA, Alexandre Caroli. *O caso Humberto de Campos*, *Op. cit.*, p. 80.



AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.

BARBOSA, Elias. *No mundo de Chico Xavier*. Araras: IDE, 1997.

CAMPOS, Humberto de. Poetas do outro mundo. In: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10 e 12 de julho de 1932.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. Aníbal Bragança e Márcia Abreu (Orgs.). São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 89-99.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Catálogo da Livraria e Editora da FEB*. Rio de Janeiro, 1938, 1939, 1944, 1945, 1946, 1949.

\_\_\_\_\_. *O Reformador*. Rio de Janeiro, 1938-1944.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE SÃO PAULO. *O Semeador*, São Paulo, outubro de 1953.

GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor; EDUSP, 1985.

HOUAISS, Antônio; VILLA, Marco de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. São Paulo: LAKE, 1981.

LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista*. São Paulo – SP, 2000, Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo.

*O Globo*. Rio de Janeiro, 1935-1944.

REIMER, Haroldo. *Liberdade religiosa na História das Constituições do Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

ROCHA, Alexandre Caroli. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2001.

\_\_\_\_\_. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. 2008. Tese. (Doutorado em Teoria Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

SAMPAIO, Nilo A. Depoimento (Seção Livros do dia). In: *A manhã*, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1944, p. 6.

SCHUBERT, Sueli Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

SOUZA, Clara Betania de. Parnaso de além-túmulo. In: *Documentos Patrimoniais do Livro*. Rio de Janeiro: FEB, 2013 (material de circulação restrita).

TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*. O caso Humberto de Campos. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1978.

XAVIER, Chico. *Crônicas de além-túmulo*. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1935.

\_\_\_\_\_. *Parnaso de além-túmulo* (poesias mediúnicas). 19ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 2010.

